

Do *coach* tradicional ao *coaching* ressignificado: novas práticas, saberes e formas de trabalho na sociedade informacional

Julio Marinho Ferreira¹

Este trabalho analisa a ressignificação da prática de *coach*, e como as redes sociais virtuais contribuíram para o surgimento de um outro tipo de *coaching* – que vendem e propagam em plataformas virtuais uma imagem de sucesso, de saúde e de bem-estar, que em ambientes online, acaba como um legitimador de práticas. Nas ações desses indivíduos, pode-se perceber uma espécie de discurso de saber-poder e governo de si (Foucault, 1988; 2010) aplicado ao modelo individualista e consumidor de imagem, no qual a necessidade de exposição do bem-estar surge como ferramenta interativa buscada pelos usuários.

Uma das práticas que emergiram dessas práticas de utilização de si como fator de promoção, seria uma deslegitimação de certos saberes acadêmicos, como atualmente pode-se observar em muitas contas online em redes sociais virtuais, como Youtube e Instagram, que nesse sentido, presam pela opinião, e não, pelo embasamento teórico (outro problema propagado nesses ambientes online) através do uso de uma imagem e não por uma ética de caráter profissional (Sennett, 2014), já que esses novos *coaches* não lidam com ofícios estabelecidos e sim com práticas desvinculados de conhecimento, fazem com que uma problemática nasça: a utilização de pseudo conhecimentos como ferramentas de motivação e orientação de indivíduos que buscam trabalho ou saberes.

Os usos dessas novas práticas, possibilitadas por uma necessidade constante do *estar online*, alteram a ideia de auto aperfeiçoamento através de conhecimentos para o discurso da opinião e da imagem de si. Esses novos *coaches*, que com sua imagem e suas opiniões, que fogem do politicamente correto, acabaram aceito como promotores de verdades, servindo de exemplo para novos praticantes, sendo o efeito reprodutivo uma das atividades mais observadas nos contextos das redes sociais virtuais.

Dessa forma, com o acompanhamento de algumas palestras, e de conteúdos disponibilizados em redes sociais virtuais, como YouTube e Instagram, analisados a partir de *printscreens* (capturas de tela), pretendo problematizar se haveria (ou não) essa utilização de pseudo-conhecimentos enquanto prática por esses novos *coaches*. Isso sem

¹ Doutorando em Sociologia pela UFPel. Email: juliomarferre@hotmail.com

generalizar, ou estigmatizar, esses indivíduos e sim observar os rumos que uma prática, até tradicional, se reconfigurando em uma profissão para a deslegitimação de saberes científicos.

O novo mundo do trabalho a partir da ótica das redes sociais virtuais: possibilidades e problemas

A sociedade tecnológica, principalmente dentro dos últimos cinquenta anos, possibilitou uma reconfiguração do mercado de trabalho, e das profissões, principalmente pelo surgimento do computador, e de suas interfaces aplicadas e absorvidas pelos meios sociais. Além do caráter de “novidade”, os computadores trouxeram uma nova forma de relação, os chamados: ambientes virtuais de ação, que posteriormente iriam alterar a noção entre indivíduos e a tecnologia. Além disso, temos uma relação social, diversificada, com a chamada *sociedade de tecnologia avançada*, na qual um modelo pautado pela produção de bens duráveis acabou substituída pelos serviços e pela informação.

O trabalho na sociedade capitalista ganhou um novo significado a partir da inserção da tecnologia de ponta na produção, conduzindo a uma revolução nas relações sociais, culturais e principalmente econômica, já que o consumo pode se tornar mais horizontalizado a partir da nova dimensão de tempo, e de cargas horárias de trabalho mais curtas. O lazer e o consumo os aspectos mais marcantes dessa novidade, que trouxeram possibilidades aos indivíduos de melhor aproveitarem o social.

A grande promotora dessa possibilidade foi a web, principalmente na figura da Internet, que desde a metade do século XX já era utilizada, só que em meios militares. A grande rede (*world wide web – WWW*), é fruto de um ambiente neoliberal, que via no consumo e na mercantilização extrema suas ações mais necessárias para a sociedade. Esse consumo exacerbado, acabou por adentrar essa web 1.0, que teve como objetivo inicial ser uma teia de compartilhamento de conhecimentos e não um mercado.

Dessa web 1.0, adveio a 2.0, na qual as plataformas interativas se tornaram mais leves e acessíveis, gerando uma maior democratização do acesso à Internet, o que rapidamente foi transformada em meio de promoção de conteúdos e mercadorias. Disso, nasceram as redes sociais como conhecemos, e o surgimento de indivíduos que a usam como forma de trabalho. Sendo então, uma prática surgida a pouco tempo, as redes sociais virtuais, ainda não são entendidas por seus usuários como uma forma de trabalho e um

mercado de consumo complexo e aberto, tendo em vista as subjetividades que envolvem cada um dos indivíduos que acessam a web.

Claude Dubar, sociólogo francês que estuda identidades e profissões, aponta que, a profissão, em si, que é vista como uma prática, requer uma formação especializada e uma técnica definida (Dubar, 1997), o que muitas vezes não é percebida nos contextos do virtual, já que qualquer um pode se nomear profissão de alguma área, visto que não seriam pedidos currículos nem comprovação, e apenas uma imagem. Disso, nasceu o *coaching ressignificado*.

Do coach tradicional às novas práticas de *coaching*: os usos de aparências e de saberes

A prática do *coaching* não é algo recente, é uma forma de orientação via treinamento profissional que ficou conhecida a partir dos anos 1980², principalmente nos EUA³, em função de palestras veiculadas em grandes mídias. Ser um *coach*, nesses moldes, denota um conhecimento que seja capaz de guiar (carregar, suportar, usando sua significação do inglês), alguém em relação a um objetivo, a uma meta de sucesso, sendo que existem inúmeros exemplos: *coach* financeiro, *coach* de relacionamentos, *coach* religioso, etc. No contexto brasileiro, existem mais de 70 mil desses *coaches* regulamentados, que dessa forma, exercem essa prática de uma maneira séria, sendo reconhecidos pelo *International Coach Federation* (entidade global que regula e fiscaliza essa profissão).

Atualmente, ou seja, segunda década do século XXI, a prática do *coaching* foi reconfigurada, principalmente nos contextos virtuais de redes sociais, se tornando um tipo de ser que envolveria mais o uso de uma imagem atraente e de opiniões, do que um motivador com base em dados e metas estabelecidas. Com isso, não seria a aplicação de conhecimento específicos que guiam aprendizes ao mundo profissional e sim o uso de táticas que lidem mais com a autoestima e uma autoimagem. Esses novos *coaches* se apresentam como profissionais que detém cursos, especialização e saberes nas áreas mais esdrúxulas possíveis, como meditação quântica, bioalinhamento, reprogramadores de DNA, entre outras bizarras.

² No entanto sua primeira menção remonta ao século XIX. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Coaching>

³ Movimento 2.3 bilhões de dólares ao ano. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/23/criminalizacao-ou-regulamentacao-do-coaching-esta-em-discussao-no-senado>

A ressignificação da prática tradicional de *coaching* fica clara em muitos dos aspectos demonstrados acima, já que alguém ao propor reprogramar o DNA de um outro, não precisaria estar em contato (físico) e sim apenas que lhe comprem seus conteúdos disponibilizados em redes sociais virtuais – como palestras online. Esse ato de *reprogramar* um DNA, envolveria a cura de doenças, principalmente depressão, de forma rápida e com baixo custo, já que uma palestra custaria em média de 200 a 500 reais, e um tratamento seria bem mais caro e demorado. Pode-se notar nessa prática uma clara deslegitimação dos saberes médicos e psicológicos, já que depressão não seria algo a ser curado da noite para dia (via palestras online).

Abaixo um exemplo desses *coaches* que se apropriam dos saberes médicos e psicológicos, e com o uso da imagem de alguém em estado de bem-estar ao mesmo tempo que *sexy* e *despojada* – ficaria mais fácil o convencimento de alguém a sair da depressão:



Imagem extraída de página do Facebook que denunciam essas práticas, no caso, Dicas Anti-Coach, acesso em agosto de 2019.

Os padrões de beleza expressados na imagem acima – uma jovem loira, em forma e *sexy*, dentro de um ambiente florido – é um dos aspectos buscados por indivíduos que interagem em redes sociais virtuais, onde ser feio (fora do padrão e abjeto) parece uma

ofensa a ser expurgada de qualquer jeito. Dessa forma, os *coaches*, cientes dessa lógica, utilizam essas chaves como mecanismos legitimadores para suas ações, pretensas de curar doenças.

A questão da boa aparência enquanto legitimador de práticas e de saberes, também é usada em contextos masculinos, onde a busca pela potência e alta performance sexual é a ação mais usada por esses novos *coaches*:



Do zero ao SEXO em apenas 1 dia! - [redacted]

Fonte: Dicas Anti-Coach, 2019.

Para ser um *coach* de sucesso é necessário que haja uma imersão constante nas redes sociais, nos quais seu uso e veiculação contínua de materiais (conteúdos como fotos e vídeos) seria a forma mais segura de ser visto como legítimo. A rede social Instagram, nesse sentido, é a mais usada, já que sua proposta é a disponibilização de imagens, para produzir seguidores e poder seguir outros perfis. No Brasil, segundo o site *We Are Social*, o Instagram é quarta rede social mais acessada diariamente⁴ e a favorita entre os jovens, com isso, deve-se mencionar que esses mesmos jovens cada vez menos confiantes em suas aparências seriam os alvos principais dos *coaches*⁵.

Abaixo, um exemplo de perfil de *coach* na rede social Instagram:

⁴ <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>

⁵ No acompanhamento de três palestras de *coaches* que fiz em Porto Alegre, nos meses de junho e julho de 2019 (não as nomearei por questões éticas), pude notar que mais da metade do público eram de jovens na faixa de 20-30.



341 1.208 2.447

Publicaç... Seguidores Seguindo

Desperte para o Sucesso

Coach pessoal e profissional

Foco e Ação

Gestão de Carreira e Comportamento

Inteligência Emocional

Resultado Definitivo

**Livre-se da
DEPRESSÃO
pergunte-me como**

Fonte: Dicas Anti-Coach, 2019.

Com os *print screens* acima demonstrados, pretendi clarificar brevemente o que seriam esses novos (ressignificados) *coaches*, e como os mesmos se movimentam e agem nas redes sociais virtuais, já que as práticas nesses contextos online são muitas vezes ilimitadas, sendo fácil a valência da deslegitimação dos saberes como forma de trabalho, e com isso, promovendo uma autolegitimação.

Novos profissionais ou charlatães?

A forma como a sociedade brasileira foi reconfigurada pelo acesso massivo à Internet e as redes sociais virtuais, na qual mais de 140 milhões de pessoas fazem uso diário de suas possibilidades interativas, fizeram com a mesma, se tornasse quase uma instituição promotora de verdades. O estar online, denota um tempo dispendido para essa ação, e esse tempo de acesso acaba gerando uma margem de lucro para alguém, já que *um minuto online nunca seria apenas um minuto*. Dessa forma, saber fazer uso desses

minutos se tornou crucial em um contexto de fragilização de instituições e do mercado do trabalho, principalmente⁶, algo bem sabido pelos *coaches* ressignificados.

Essa sociedade altamente tecnológica, reconfigurada pelos computadores, passou a ser vista como uma *sociedade* voltada à informação, ou seja, informacional (CASTELLS, 2003; 2005), que possibilitou uma abreviação das distancias e uma maior relação de mercado global. Contudo, com o advento das novas formas de trabalho a partir da massificação dos computadores, um conhecimento mais técnico acabou por ser requerido (e não estaria acessível a todos!). As relações sociais, naquela nova configuração, jamais seriam as mesmas, em todos os âmbitos, principalmente no mercado de trabalho.

Em contrapartida, uma lógica de mundo 24/7 (CRARY, 2014) das redes sociais virtuais deixava lacunas a ser preenchidas, a todo momento, por seus usuários, seja através de contas ou pela criação e veiculação de conteúdos. Esse “mundo 24/7 é desencantado, sem sombras nem obscuridade ou temporalidades alternativas” (CRARY, p. 29). Dessas lacunas (obscuridades), surgiram as possibilidades de uso de informações que fugiriam da verdade e dos saberes científicos, já que o que importava era apenas a imagem e não o embasamento teórico.

Essas formas de existir, no virtual, metamorfoseadas em trabalho, fizeram com que práticas e usos do real fossem distorcidos em função de uma lógica de exposição de si, se aproveitando da noção mudada de tempo – tempo online – e consumo de redes sociais, já que esse consumidor geralmente não consome criticamente, o que favoreceria ações fraudulentas de pseudo-profissionais das mais variadas estirpes, e os *coaches* ressignificados seria apenas mais um.

O uso dessa obscuridade – deslegitimação dos saberes estabelecidos – pode percebida na imagem abaixo, onde todos os clichês dos falsos conhecimentos são enumerados claramente, nesse sentido, há o quântico, há os cursos ofertados e a *curiosa* co-autoria da Arte da Guerra⁷:

⁶ A chamada *Uberização* da sociedade seria um dos tantos exemplos, essa alcunha se deve ao pioneirismo da norte-americana Uber (prestadora de serviço de transporte online), que propôs uma forma de mobilidade urbana barata e sem apego, aspecto que acabou sendo apropriado por inúmeros outros setores do social, daí o nome. Ver: <http://www.fecomercio-sc.com.br/noticias/consultor-fala-sobre-%E2%80%9Cuberizacao%E2%80%9D-da-sociedade-e-impactos-no-setor-imobiliario/>

⁷ Que não fica claro se seria a obra de Sun Tzu ou de Maquiavel.

GRUPO MULHERES DO BRASIL
Convida



HUMANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES COM O USO DA FÍSICA QUÂNTICA



A maneira que visualizamos o mundo e como nos comportamos diante dos acontecimentos de nossa vida reflete o que criamos para nossa realidade. Entenda a visão sistêmica das relações com base nos princípios de física quântica informacional, com Alessandro Rubel.

Terapeuta em homeostase quântica informacional, Alessandro Rubel é também Advogado - OAB/SP, Pós graduado pelo MBA FGV em Gestão Estratégica de Pessoas, Coach formado pelo Instituto Coach Federation, Co-autor do livro "A arte da Guerra", membro da comunidade Art Of Hosting, com 28 anos de experiência em Gestão de Recursos Humanos nas empresas.

Data: 04/06/2019 **Horário:** 19h
Local: Sede Grupo Mulheres do Brasil
Rua Dr. Tomás Carvalhal, 681

Fonte: Dicas Anti-Coach, 2019.

A ciência, e os saberes científicos, estabelecidos socialmente há décadas, que envolvem a produção de conhecimentos, parecem terem sido negados por uma lógica promovida, apenas, pela exposição e pela fuga da realidade. Essa irrealidade, potencializou ações deslegitimadoras em uma sociedade, como a brasileira, que nunca esteve preocupada com ciência (por suas raízes religiosas, católica no passado, e com a guinada neopentecostal do presente). Somadas a uma latente digitalização, tardia, da vida e uma inacabada, e problemática, virtualização do ser.

O ser virtual, o indivíduo ativo em suas contas e perfis online, parece não se preocupar com o que seria o real, não sabendo fazer uma distinção. O charlatanismo, comum nesse ciberespaço é uma das faces mais obscuras da interação, gerando sempre uma negatividade a ser usada. A rapidez do consumo de uma imagem, o curtir e o seguir, foram tornado formas de lucro, e são usadas como mercadorias vis por indivíduos não preocupados com ética ou com o legalmente aceito.

Um tipo específico de ódio aos intelectuais, além disso, como pode ser sentido há décadas na sociedade brasileira, parece estar em relevo nas redes sociais virtuais, fato que esses novos *coaches*, perceberam, e com isso, fizeram uso desse problema como um meio de produção de dividendos. Em um modelo social que prega um acesso à informação enquanto uma necessidade social, já que a todo momento comerciais de operadoras

impõem o uso de planos e acesso como mecanismo de interação único, fez com que essas práticas virassem lugar comum.

Com essa lógica de exposição 24/7, das redes sociais, professados pelos novos *coaches*, todos os partícipes dessa interação virtual poderiam se tornar intelectuais, pessoas belas, inteligentes e *sexies*, apenas ao consumirem os conteúdos online dos mesmos e de suas palestras. No entanto, muitos profissionais, principalmente das áreas da medicina, da psicologia e das ciências humanas e sociais, como história e sociologia, estão promovendo boicotes e tentando alertar os usuários de meios virtuais a serem mais críticos em suas buscas. Para tanto, se cogita, em âmbito nacional, a criminalização da prática de *coaching*, proposta de William Meneses, morador do Estado de Sergipe, que propôs ao Senado⁸. Segundo o autor, “se tornada lei, não permitirá o charlatanismo de muitos desses autointitulados formados sem diplomas válidos. Não permitindo propagandas enganosas como reprogramação de DNA e cura quântica”.

Tornar crime esse *coaching*, leva em conta dois motivos: primeiro o uso e a banalização do próprio tempo (que faz com que profissionais sérios sejam desacreditados em suas áreas) e segundo, por lesar a boa-fé de pessoas (que se deixam levar pelos conteúdos atraentes desses falsos profissionais e acabam comprando suas ideias de curas, etc.). A busca de Meneses ao propor esse projeto, é afastar a dúvida entre o que seria um novo profissional (com bases teóricas sérias), e o que seria um charlatão (que busca apenas obtenção de dinheiro com propostas fantasiosas de cura). Em contrapartida, a quem deseje que esses novos *coaches* sejam reconhecidos no mercado de trabalho, já que, ao contrário de Meneses, eles não seriam charlatães e sim, novos trabalhadores que devido à escassez de oportunidades, buscariam nessa nova atividade o seu sustento e a sua legitimação.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo mostrar, de uma forma sucinta, alguns exemplos de uma prática presente no modelo interativo de sociedade, das redes sociais virtuais, nas quais indivíduos se fazendo passar por profissionais, detentores de saberes científicos, venderiam cursos, curas e palestras como se fossem verdades, esses seriam os chamados *coaches* ressignificados. Esses agentes do virtuais, que teriam na imagem de si e no uso

⁸ <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/23/criminalizacao-ou-regulamentacao-do-coaching-esta-em-discussao-no-senado>

de plataformas online sua forma de existir, promoveram discussões, nos últimos tempos, sejam de repúdio ou de apoio.

Ao trazer a divisão entre o *coach* tradicional, em contrapartida, ao *coach* ressignificado, pretendi levantar um olhar sociológico acerca do universo do virtual e de suas latências, que promoveram (e promovem) novas possibilidades interativas a todo momento, das quais o trabalho seria a mais a forma mais emergente a ser discutida, tendo em vista, que o Brasil conta com uma massa de desempregados que passa dos 20 milhões, e a observância de um uso do online como potencialidade de trabalhar se funde como uma realidade necessária.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da Informação, economia, sociedade e cultura.** Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DUBAR, Claude. **Construção das identidades sociais e profissionais.** Porto: Porto Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I. Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2014.